



MINFA

MINISTÉRIO DA INFORMAÇÃO

REPÚBLICA POPULAR DE ANGOLA

(DISTRIBUIÇÃO GRATUITA)

EDITORIAL

VIVA O 14 DE ABRIL

No nosso País, ultimamente muito se tem falado da juventude. Diz-se, a cada momento, que ela é o motor da Revolução. Com efeito, em todo o processo revolucionário, a juventude é chamada a desempenhar um papel decisivo. O seu lugar na Revolução assemelha-se ao da seiva numa árvore. É a ela que compete manter a vitalidade e assegurar a sua continuidade.

A Juventude Angolana tem desempenhado um papel fundamental na luta que travamos pela construção de uma Sociedade Socialista. Ocupando sempre a primeira linha de combate, aceitando os maiores sacrifícios, dando exemplos de coragem e heroísmo invulgares, a nossa Juventude contribuiu decisivamente para a derrota do Colonialismo e neste preciso momento, contribuiu para mais uma grande vitória do Povo Angolano: a expulsão completa do nosso território das forças sul-africanas que estiveram ao serviço dos monopólios internacionais.

Derrotado que foi o Colonialismo, pelas armas, surgiu-nos agora com mais força e evidência, outro inimigo o Imperialismo. Este recorre agora aos seus lacaios internos: antigos elementos da PIDE/DGS cuja presença ainda no nosso seio constitui um autêntico insulto ao nosso Povo, os arrivistas, aqueles que julgando ter já terminado a guerra adoptam uma atitude comodista, os oportunistas, as organizações ditas «comunistas» que mais não são do que criações da CIA americana, etc., etc.

É, pois, necessário que os jovens, continuadores do nosso processo revolucionário, iniciem já um combate de morte, denunciando e detectando toda essa bandidagem que quer impedir o nosso Movimento, o MPLA, Vanguarda Revolucionária do Povo Angolano, de cumprir a sua tarefa histórica; libertar a Pátria e estabelecer um regime democrático que permita lançar e desenvolver as bases da organização e do Poder populares.

Nesse combate, cabe um papel importante aos jovens estudantes e intelectuais: ligar-se às grandes massas operárias e camponesas pois que como nos ensina um grande revolucionário, é pela ligação às massas operárias e camponesas que se pode considerar revolucionário ou não revolucionário um jovem.

Nesta etapa de luta em que o Poder Popular está institucionalizado e foi já divulgado o programa para a constituição dos Órgãos do Poder Popular, a Juventude deve parti-

cipar das tarefas de mobilização, organização e consciencialização do Povo para o exercício do Poder.

Por outro lado, deve pôr os seus conhecimentos científicos e o seu saber ao serviço do Povo, lutando ao mesmo tempo e com determinação contra o obscurantismo e o analfabetismo.

Seguindo a linha política do MPLA, o nosso Movimento de vanguarda, a Juventude deve aprender com o Povo, recolher os seus ensinamentos e pô-los em prática, pois as massas são o ponto de partida e de chegada de todos os actos e da estrutura da Organização. Esta pensamos ser a única via pela qual os jovens poderão corrigir-se dos seus erros e contribuir de forma activa para o triunfo da Revolução.

Entretanto, falar da nossa massa juvenil é falar da JMPLA, é falar do 14 de Abril, dia da Juventude Angolana.

A JMPLA que é a organização responsável pela mobilização e enquadramento dos jovens para as tarefas revolucionárias foi fundada em princípios de 1962. Ela foi criada porque se sentia a necessidade da existência de uma organização que pudesse enquadrar a juventude para dar um apoio eficiente às actividades militares do nosso Movimento, o MPLA. A criação da JMPLA ocorreu em território do antigo Congo Kinshasa, hoje Zaire, quando o MPLA tinha possibilidades de actuar ali antes da sua expulsão. Os seus primeiros militantes foram os combatentes que nessa altura formavam o suporte do MPLA que naquele tempo eram jovens. Muitos deles estavam organizados na nossa estrutura militar.

Actualmente a sua organização de base é o «Grupo de Acção» que é composto por 10 a 12 militantes. A união de 10 «Grupos de Acção», constitui um «Comité de Acção de Lugar», por sua vez 10 «Comités de Acção de Lugar» formam um «Comité de Acção de Sector». Finalmente 10 «Comités de Acção de Sector» constituem um «Comité de Acção de Zona» que deve contar com cerca de dez mil jovens.

Em todas as Províncias existem as Comissões Directivas Provinciais constituídas por jovens eleitos desde a base, assim como o Coordenador Provincial que por direito próprio, é membro do Comité Central da JMPLA. Esta resolução ficou acordada no I Encontro Nacional da Juventude realizado em Cabinda e que decorreu de 1 a 5 de Novembro do ano transacto.

Durante aquele Encontro foi também criado o Comité Central e o Comité Executivo que é composto por cinco membros dentre os quais figura o Coordenador Nacional.

(Continua na pág. 10)

7/23 m/10 de sumb

O PARTIDO TEM QUE SE TRANSFORMAR COM HOMENS FORMADOS COM UMA IDEOLOGIA PROLETÁRIA

• Disse o Camarada NITO ALVES

O MINISTRO DA ADMINISTRAÇÃO INTERNA, CAMARADA COMANDANTE NITO ALVES, VOLTOU, NO PASSADO DIA 28 DE MARÇO, A FALAR PARA O POVO, TENDO ANUNCIADO «UM CONJUNTO DE MEDIDAS CONSIDERADAS IMPORTANTES TOMADAS NA ÚLTIMA REUNIÃO DO «BUREAU» POLÍTICO DO NOSSO MOVIMENTO».

DADA A EXTENSÃO DAQUELA COMUNICAÇÃO E PORQUE ESTA REVISTA LUTA COM GRANDES LIMITAÇÕES DE ESPAÇO, FICAM AQUI, NO ENTANTO, ALGUMAS PASSAGENS DA SUA COMUNICAÇÃO.



Camaradas:

Vou procurar, uma vez mais, transmitir um conjunto de medidas consideradas importantes, tomadas na última reunião do «Bureau» Político do nosso Movimento, tomadas desta vez com a recomendação expressa do Camarada Presidente do MPLA e Presidente da República Popular de Angola, recomendações para que essas medidas sejam na prática, sejam efectivamente cumpridas, executadas, por aqueles órgãos que, por princípio, por lei, devem de certa maneira executá-las.

Para que se possa compreender, com a profundidade devida, o alcance Político, a dimensão revolu-

cionária dessas medidas, é extremamente importante fazer-se uma explicação política da situação que nós vivemos, única forma de se ter uma ideia exacta, única maneira de se fazer a justiça em relação às medidas que a instantes vamos tentar tornar públicas.

Já não é dúvida para ninguém que depois de 11 de Novembro o nosso País entrou decididamente para uma fase de transição, fase esta que há-de levar a República Popular de Angola para novos rumos do domínio económico, para novas realidades no campo da cultura, no campo social, no campo da política, etc.

É evidente que não se pode caminhar para os rumos apontados, não se pode conduzir com segurança os militantes e todos os cidadãos, se a Nação inteira, o Povo inteiro, não for explicado que toda esta fase está submetida a leis históricas próprias, as Leis da Revolução, de tal forma que, sem essas leis, é impossível levar avante um trabalho revolucionário.

E é o conjunto destas leis, algumas pelo menos, que presidem todo o processo revolucionário da fase de transição que nós vamos explicar. Entretanto, a primeira questão é a seguinte:

SOBRE A IDEOLOGIA PEQUENO-BURGUESA

Circula frequentemente por esta Luanda fora e por Angola fora, na fábrica, nos empregos, nas repartições da função pública portanto, um escrito pretensamente revolucionário com nome de OCA. Não é praticamente sobre a OCA que nós nos vamos deter agora se não procurar fazer uma análise minimíssima que possível sobre o que seja a orientação ideológica seguida por aqueles que escrevem esse jornal.

O Jornal, em política e em termos de luta ideológica expressa o ponto de vista de uma pequena burguesia com todas as características inerentes a esta formação sócio-económica. A anarquia, a frustração

desta mesma classe se pode ver claramente nos jornais que por aí — disse andam a circular.

Como é que surge uma ideologia pequeno-burguesa em Angola? Quem é que há-de dirigir em Angola a ideologia pequeno-burguesa? Quem há-de inspirar em Angola comportamentos políticos, atitudes políticas do tipo duma anarquia profundamente elementar? A resposta é simples. Só se pode explicar tendo em conta que, em Angola, muitos colonos que cá estiveram, muitos angolanos que cá vivem, perfeitamente aferrados a uma propriedade privada dos meios de produção, são, portanto, proprietários de qualquer forma de propriedade, proprietários de meios de produção indispensáveis, que dão lugar a ideias do género pequeno-burguesas.

É evidente que a ideologia pequeno-burguesa, para além de vir por vias directas ou indirectas da grande propriedade, ela expressa, antes de mais, o modo de ser, a situação económica própria daqueles que detêm poucos meios de produção, daqueles que produzem com as suas próprias mãos, utilizando, evidentemente, determinados meios de produção. Os camponeses, objectivamente, detêm um bocado de terra. Nas cidades existem profissões como são a de sapateiro; profissões como são a do alfaiate. Estas profissões e o bocado de terra do camponês são máquinas que a toda a hora e momento, embora no movimento extremamente lento, vão dando lugar a exigência do tipo pequeno-burguês. Mas o camponês não escreve, pelo menos o camponês pobre, porque não tem escolas. O colonialismo negou-lhe toda a possibilidade de ingresso às escolas. Raras vezes o filho do sapateiro tem esta possibilidade de ir à escola. Mas vamos admitir em que o filho do camponês e o filho do sapateiro, do carpinteiro, vão para a escola.

A experiência política diz o seguinte: quando estas duas realidades sociais vão à escola, a escola colonial, o próprio colonialismo põe obstáculos de várias ordens, de tal maneira que ele fica todo o tempo na escola, que é difícil chegar ao Liceu. Se não chega no Liceu com facilidade, muito menos terá possibilidade de chegar, em regime colonial ou capitalista, à Universidade.

Então há uma pergunta que se formula logo à partida. Se esses cidadãos limitados politicamente não podem, portanto, escrever aquele jornal, porque é um jornal político, quem é que faz o jornal? O jornal reflecte a absorção de conhecimentos políticos. Quem faz aquele jornal não é o menino que anda na Instrução Primária. Quem escreve aquele jornal não é o camarada que vai agora para o liceu, tem que ser alguém que, para além duma formação puramente da instrução primária, para além da formação que lhe deu o Liceu, tenha algo de mais, tenha acesso a livros políticos. Quem é que costuma ter nas colónias esse acesso? A resposta é simples e por ser demasiadamente verdadeira eu não vou torná-la expressa.

ESTAMOS PERANTE UMA AGRESSÃO DE NOVO TIPO

Vamos tentar provar se aquele jornal é mesmo comunista. Pelo menos estão naquele jornal dois temas que são uma contradição com o comunismo científico. O comunismo é adverso, é alheio, é contrário a toda a prática que vise escangalhar o internacionalismo. Quer dizer que o comunismo, ao longo de toda a sua formação política, ele tem que assimilar determinados valores morais, a nova moral revolucionária e dentro dos valores informadores da moral revolucionária, está o princípio do internacionalismo do pro-

letariado. Quer dizer que o internacionalismo do proletariado, para além de ser um princípio político, é também um princípio moral, da nova moral e não da moral burguesa evidentemente.

Mas se o jornal faz da União Soviética o seu inimigo principal, se o jornal faz de Cuba o seu adversário principal, a conclusão é extremamente simples. Esse jornal não tem nada de comunista.

A certo passo do escrito faz-se uma exigência que tem como objectivo o nivelamento de salários. É evidente que, num regime socialista, os salários não podem ser disparatadamente distanciados uns dos outros. O salário do trabalhador quando um País produz evidentemente, há-de ser assim, bastante esquematicamente, bastante genericamente, o ponto de referência em relação ao qual outros salários tendem a aumentar. Mas esta diversidade de salários em regime socialista, constitui uma lei importante do desenvolvimento revolucionário de um País de Democracia Popular. Isto expressa uma necessidade do próprio avanço das forças produtivas. É o princípio da emulação Socialista. Um país Socialista tem que desencadear uma política tal que fomenta os seus próprios trabalhadores a uma prática permanente para a produção, produzir e produzir cada vez mais. Ao longo deste quadro de produção evidentemente, as aptidões das pessoas são diversificadas, não são as mesmas. Ao longo desta produção, há camaradas que trabalham melhor que outros, por exemplo, duma mesma empresa. Ao longo deste processo revolucionário há sectores da vida da Nação que, efectivamente, dão mais do que outros sectores. Estamos a ver que o trabalho de um camarada que está permanentemente debaixo do sol a extrair minas, não é o mesmo trabalho de um professor universitário. O trabalho de um camarada camponês que, em Angola, concretamente falando, é obrigado, por exemplo, a trabalhar no café, não pode ser equiparado, em termos de dispêndio de energia física, ao trabalho do director de uma repartição. Portanto, objectivamente, é impossível nivelar as aptidões e as capacidades humanas. Se é impossível este nivelamento no campo da capacidade intelectual, no campo do dispêndio físico, é extremamente justo que um governo revolucionário saiba também, em ordem a esta diversidade, estabelecer a diferença de vencimentos. Longe de fazer mal, sempre que esta diferença está assente em leis científicas, constitui um instrumento extraordinariamente positivo; constitui uma alavanca indispensável para a mudança quantitativa e qualitativa das próprias forças produtivas.

Ora, quando o ideólogo que escreveu o jornal apelou para um igualitarismo absoluto, é evidente que ele se colocou nas posições pura e simplesmente anárquicas, oportunistas, demagógicas e, portanto, é uma antítese ao verdadeiro comunismo científico.

A pouco e pouco nos vamos apercebendo que as raízes teóricas dessa corrente que anda por aí, estão perfeitamente mergulhadas na Universidade de Luanda.

É tempo, mas é mesmo chegado o tempo de se fazer um levantamento, um estudo profundo, um estudo de responsabilidade que nos diga já, qual é a composição de classe dos alunos daquela Universidade. Mas, o problema, a análise da questão não termina por aqui. Há outras verdades que devem ser postas a nu. Será que esta teoria do igualitarismo absoluto, a teoria de fazer de Cuba o inimigo principal, está inspirada, mesmo só em terra angolana? É duvidoso. É indispensavelmente urgente que se faça uma investigação fora de Angola. Talvez isso nos possa esclarecer quem

(Conclui na pág. 8)



Povo cultura



○ Maximbombo

Conto de ARNALDO SANTOS

Ainda o Sol caía a pino sobre as casas amodorradas de preguiça, e já ele ali estava junto à paragem... O seu olhar corria a estrada empedrada e fixava-se na esquina longínqua, onde iria aparecer o maximbombo. O maximbombo velho, pintadinho de novo, com a sua campainha vibrante, de som agudo, correndo aos solavancos, cheio de conversas e recordações antigas.

A esquina ao longe mantinha, inalterável a serenidade da sua linha esbatida na distância. Por vezes cresciam nela, os vultos de carros pequeninos, que se aproximavam ruidosos. E já longe, inexistentes, deixavam atrás de si, um rumor obcecante e macio.

— O vento da cidade... — dissera o velho Finda quando eles, os miúdos do povo, se chegavam para ouvi-lo falar de Luanda, onde estivera.

— Luanda! Tu julga que é no povo?! Carro mais carro, casa mais casa, gente... nem no Bembe. Nada!

E contava. Que por sobre a cidade corria um rumor impetuoso, como o vento na mata, que a respiração se tornava oprimida, que as mãos buscavam onde se apoiar. Tudo o que se queria alcançar se transformava em cin-

za — quanto ele quisera alcançar — tudo se negava e se oferecia.

— Não, não é como no povo... rematava por fim.

Nele sentiam a certeza do futuro debaixo da pele negra e musculada, no vigor das suas respirações abertas. Lá... não havia certezas. Só alguns a conheciam. Escondia-se, esfumava-se no brilho metálico de carros ricos, na garridice de um vestido de mulher, nas mãos gordas e gordurentas dos comestantes.

— ... e preto não é capaz de descobrir, — dizia convicto.

Não era capaz de descobrir, dissera o velho Finda e aos olhos do criadito junto à paragem, a dúvida continuava, menos cortante, mas sempre persistente como a névoa baça nuns olhos cegos. Olhava calado. A pressão do ambiente enrodilhava-o sufocante.

Morria debaixo de cada carro que passava, sentia-se esmagado sob o peso daquelas casas enormes...

— Não tem medo. Luanda é mesmo assim. Uma pessoa tem que ficar esperto. Amanhã vai trabalhar na senhora... — dissera-lhe o tio, quan-

do ele chegou tímido e envergonhado. Luanda era assim, tinha que ficar esperto.

Começaram então a aprendizagem da vida da cidade, aprendizagem cruel feita de humilhações e queixumes, aprendizagem dos pobres, que na terra seca e pedregosa que lhes deram, buscam desesperados um veio de água onde beber.

Um dia, eu vou comprar também, um sapato, calça, camisa, tudo. Andar no maximbombo. — Eram confidências, desejos incontidos, falados, gritados com a voz abafada entre os criados da mesma idade. Gritos que se repetiam confiantes, com vários sons em vários tons, intermináveis... Dias de espera, embora longos, mas de esperança.

Um dia... ainda o Sol caía a pino sobre as casas amodorradas de preguiça e ele já ali estava, junto à paragem, de calça e camisa exalando brancura, os sapatos largos, reluzindo brilhantes ao Sol. Estava hirto, olhava calado, fixamente, sentindo a respiração difícil, o peso daquelas casas enormes, a pressão do rumor envolvente da cidade. Esperava enfim o maximbombo. O maximbombo velho, pintadinho de novo... e eis que ele aparece agora na esquina, indiferente e cansado.

A mão do criadito ergueu-se rápida, embora percebendo a distância que o separava dele, mas manteve-se no ar. O maximbombo continuava a aproximar-se, rosnando barulhento, e à medida que o barulho se tornava mais forte, mais intenso, em que as suas cores vermelha e azul se tornavam mais gritantes, ele pressentia uma distância cada vez maior. Estava quase junto à paragem.

Nela um vulto vestido de branco, postava-se hirto de mão erguida.

No maximbombo o possante motorista, vermelho, peludo, vê-o e... pragueja:

— Vou agora parar por causa deste gajo!

E o maximbombo, o velho maximbombo vermelho e azul, continuou rosnando barulhento na marcha.

Na paragem ainda de mão erguida, o criadito, sentiu no peito as suas lágrimas queimarem alguma coisa que nele ainda crescia verde e confiante.

Uíge, 1957



A REACÇÃO NÃO PASSARÁ!

Qualquer processo revolucionário é um processo de transformações dialécticas, é um processo cheio de lutas, de avanços e recuos que, no fundo, constituem a essência, o dinamismo da própria Revolução.

Perante a agressão imperialista — com o apoio dos sul-africanos e outros países limítrofes e os movimentos fantoches, — agressão que vitimou milhares e milhares de angolanos de Cabinda ao Cunene, — o Povo Angolano, dirigido pelo MPLA, teve de formar uma barreira para resistir e se afirmar como povo livre e independente. Essa barreira — a frente anti-imperialista — construída com o esforço patriótico de todas as classes e camadas sociais, tinha como função principal eliminar em todos os campos todos aqueles que pretendiam estabelecer em Angola um governo fantoche dirigido por lacaios do Imperialismo — inimigo comum de todas as classes.

A frente anti-imperialista surgiu em determinada fase da nossa luta para responder aos ataques das potências imperialistas. No entanto, se, por um lado extremamente necessária, por outro lado a existência dessa frente arrastava alguns perigos, em virtude de as massas populares não conhecerem objectivamente a ideologia que devia estar no posto de comando, da frente, o que, de certo modo, foi aproveitado pela reacção interna, por alguns burgueses reaccionários, corruptos, de vocação capitalista, desejosos de substituírem os colonialistas no papel de exploradores da força de trabalho dos operários e dos camponeses.

Estabelecida na base de uma aliança entre operários, camponeses e camadas patrióticas da burguesia, a frente anti-imperialista surge numa ocasião em que existem já algumas formas embrionárias de Poder Popular. Efectivamente, logo após o 25 de Abril, as massas populares foram obrigadas a organizarem-se em brigadas de defesa contra as investidas reaccionárias dos colonos, primeiro, e, mais tarde, numa forma mais avançada de organização popular — Comissões Populares de Bairro, Comissões de Aldeia e Povoação, Comitês de Vigilância, etc. — contra a actuação criminosa da UPA/FNLA e UNITA. Deste modo, estávamos já em presença de duas realidades diferentes de um único processo revolucionário: a frente anti-imperialista e o Poder Popular.

Esmagado militarmente o Imperialismo, entramos decididamente numa outra fase de luta.

Apesar de o Imperialismo continuar a ser um inimigo permanente da nossa Revolução, estamos agora numa fase de transição cujo objectivo imediato é a Reconstrução Nacional em todos os campos de actividade, através do processo de produção e da luta de classes e a criação das bases para a edificação do PODER POPULAR. A luta será agora entre as classes revolucionárias que apoiam decididamente o fim da exploração do homem pelo homem e, consequentemente, a instauração de um Estado Popular Democrático, e a reacção interna, as classes que, de qualquer forma, lutam pela permanência da exploração capitalista em Angola.

Buscando novas tácticas e métodos, já que rechaçado no campo militar, o Imperialismo vai preparar no nosso meio condições favoráveis à subversão ideológica, à corrupção, ao oportunismo quer de direita quer de esquerda, ao divisionismo, quer dizer, con-

dições que lhe permita, agora que somos independentes, explorar as massas populares.

Os aliados mais fiéis do Imperialismo poderão ser recrutados mais facilmente no seio da burguesia colonial, dona ainda de grande parte dos meios de produção, e dentre elementos da média e pequena burguesias nacionais que assumiram e interiorizaram as concepções de vida burguesa, os hábitos e os costumes da burguesia colonial.

O MPLA, vanguarda revolucionária das massas populares, não desencadeou a insurreição armada para, no final, uma burguesia ascender ao Poder. Não, não foi esse o objectivo da nossa luta de libertação. Não foi por essa causa que tombaram os melhores filhos do Povo Angolano.

Desde há muito o MPLA definiu correctamente a Democracia Popular como o objectivo estratégico a atingir, sejam quais forem as etapas de luta que tenhamos de percorrer. É para esse fim que devemos continuar a lutar até à sua concretização. Assim, todos quantos se opuserem à instauração em Angola de um Estado de Democracia Popular, devem ser rechaçados.

Para a consolidação do PODER POPULAR, as massas populares, armadas de uma teoria revolucionária, adoptando métodos de trabalho colectivo, devem tornar-se implacáveis contra os que, receando o avanço da Revolução, dizem que a transformação desta sociedade numa sociedade sem classes só é possível através de pequenas reformas; contra os revolucionários de boca, como os da dita organização «comunistas» e os revoltosos da Revolta Activa; contra todos os agentes internos e externos da Reacção.

No entanto, como disse o camarada presidente Agostinho Neto, na sua última comunicação ao país, «... todos aqueles que se opuseram no passado política ou ideologicamente à nossa orientação, não devem ser votados a um perpétuo ostracismo. Desde que manifestem, clara e publicamente uma renúncia à prática de actos contra os interesses do Povo, deve-se-lhes dar a oportunidade de contribuir com o seu trabalho na tarefa da reconstrução nacional».

A Democracia Popular será instaurada se existir uma clara linha de demarcação entre nós e o inimigo, correctamente definido em função do seu comportamento, quer a nível ideológico, quer a nível económico.

«O regime de Democracia Popular — citamos novamente o camarada Agostinho Neto, guia e educador do Povo Angolano — só se atinge quando as classes operárias e camponesas estiverem realmente a exercer o poder. E entendemos por poder, não somente a formação de estruturas políticas, mais ou menos aperfeiçoadas, mas também a estruturação de uma base económica sobre a qual o poder político assenta. É na realidade a base económica que determina o carácter do poder político.»

Não é possível a convivência harmoniosa entre as classes revolucionárias e aquelas que representam a reacção interna. Devem as massas populares permanecer vigilantes e exercer uma ditadura sobre «os que podem servir de veículos à penetração do imperialismo e da ideologia capitalista».

PELO PODER POPULAR
A LUTA CONTINUA



CAMARADA PRESIDENTE DE

Compatriotas,

Camaradas:

Sou mais uma vez obrigado a ausentar-me do País por algumas horas, a fim de cumprir a promessa feita aquando da visita a Conackry, Bissau e Praia a um povo irmão e amigo do Povo Angolano.

Não queria no entanto deixar de exprimir ao Povo Angolano a necessidade imperiosa de compreensão exacta de cada momento da nossa existência como País e como Estado a fim de determinarmos os objectivos fundamentais e os métodos a empregar para os conseguir.

O dia 27 de Março não passa despercebido ao Povo Angolano, como um momento histórico em que se inicia nova fase para a vida da Nação. A retirada completa das tropas sul-africanas do território nacional é um acontecimento de extraordinária importância e deu-nos na medida exacta a capacidade do Povo Angolano de defender o seu País.

Os racistas sul-africanos sabem agora, que um Povo africano, determinado e organizado, foi capaz de vencer o seu poderio militar.

Com a sua retirada, completou-se pois uma fase da luta de libertação nacional.

A tranquilidade vai regressando às várias regiões, não sem haver ainda bolsas de elementos desesperados em alguns pontos do País, que pela prática do banditismo, pretendem sobreviver sem respeito pelas normas estabelecidas no dia 11 de Novembro para a vida da República Popular de Angola.

Assim, o combate militar, embora em menor escala, não pode ser dado por terminado.

E as FAPLA, a quem cabe directamente, o mérito da vitória sobre os inimigos da Pátria angolana, não podem desarmar. Ao contrário, devem reforçar-se, melhorando o seu grau de organização, depurando-se dos elementos indisciplinados ou corruptos, aperfeiçoando a capacidade técnica e política.

Com o vigor e rapidez necessários, as FAPLA, cobertas da glória da vitória, serão sempre um dos instrumentos mais importantes para a defesa das conquistas das classes trabalhadoras do País. Por isso, as FAPLA devem ainda intensificar o combate contra os grupos de bandidos armados nas cidades ou no campo, para que o

O PRESIDENTE DO MPLA E DA REPÚBLICA AGOSTINHO NETO, ANTES DA VISITA PÚBLICA DEMOCRÁTICA DE S. TOMÉ E PRÍNCIPE AO PAÍS, NO PASSADO DIA 3, APONTOU OS OBJECTIVOS FUNDAMENTAIS A ATINGIR E OS MÉTODOS A UTILIZAR

Povo todo possa viver na tranquilidade que merece.

Enquanto se trata com a República do Zaire a normalização das relações entre nós e o povo vizinho;

enquanto exigimos pela via diplomática a indemnização pela República da África do Sul dos prejuízos que ela causou ao País, destruindo e saqueando o que pode;

estamos preocupados com o problema das centenas de milhar de refugiados que devem ser reinstalados em Angola. Eles encontram-se ao longo das fronteiras nos países vizinhos e alguns em países mais longínquos. Sabemos das suas dificuldades que é preciso resolver.

Estamos preocupados também com aqueles que, em consequência da guerra, se refugiaram em florestas, donde precisam de sair para a vida normal com confiança.

Temos definida a atitude a tomar para com os compatriotas que foram enganados pelos fantoches, enquanto estiveram no nosso território. Àqueles que pertenceram a essas organizações, devemos oferecer a possibilidade de recuperação, de vida no País, e reconhecer o seu direito de participar da grande tarefa da reconstrução nacional.

Não sejamos nós, o MPLA ou o Governo ou o Povo no seu conjunto, intolerantes, ao ponto de não compreendermos a importância desta atitude que é coerente com os nossos objectivos e é realizável.

Do mesmo modo, todos aqueles que se opuseram no passado, política ou ideologicamente, à nossa orientação, não devem ser votados a um perpétuo ostracismo. Desde que manifestem, clara e publicamente, uma renúncia à prática de actos contra os interesses do Povo, deve-se-lhes dar a oportunidade de contribuir com o seu trabalho na tarefa de reconstrução nacional.

Não amarraremos ninguém aos erros do passado, desde que ele os reconheça e decida cooperar.

Não devo deixar de mencionar as nossas preocupações quanto às relações exteriores da Nação, terão de ser sempre e o mais possível, a que melhor se adequem à geografia da província de Cabinda. Este aspecto geográfico deve ser encarado com especial atenção.

Não devemos distrair-nos com o que trataremos sempre com a integridade territorial angolana.

Portanto, compatriotas, devemos trabalhar como eu compreendo para o nosso País, onde a paz é a base para a travar.

Para uma definição clara de cada momento saber qual a tarefa a atingir.

O regime de democracia é aquele que surge quando as classes trabalhadoras estiverem realmente a exercer o poder, não apenas a estrutura política, mas também a estrutura económica sobre a qual se funda a realidade. É na realidade a base para a definição do carácter do poder.

Neste momento, o objectivo principal na tarefa para a implementação do poder popular, o que é a base para a travar.

E oxalá que em toda a Nação, que põe certas exigências aos membros desses organismos, os componentes dos organismos populares sejam operários e não apenas de proporção.

Oxalá não sejam apenas intelectuais empregados, os intelectuais devem predominantemente predominar na tarefa para a travar.

É preciso que estas comissões sejam compostas por elementos das classes trabalhadoras.

Este, pois, um objectivo



LINE TAREFAS E OBJECTIVOS

REPÚBLICA POPULAR DE ANGOLA, CAMARADA QUE ACABOU DE EFECTUAR A REPRÍNCIPE, NUMA COMUNICAÇÃO FEITA UMA VEZ MAIS AO POVO ANGOLANO, OS NESTA FASE DO NOSSO PROCESSO REVOLUCIONÁRIO PARA OS CONSEGUIR.

de mencionar entre as
os organismos supe-
de examinar o mais bre-
stão dos particularismos
a, que do ponto de vista
carada de um modo es-

air-nos deste problema
no sentido de preservar
e a unidade da Nação

tas e camaradas, veja-
endo as tarefas actuais
há batalhas importantes

das tarefas temos de em
uais são os objectivos a

cracia popular só se atin-
operárias e camponesas
exercer o poder. É enten-
samente a formação de
is ou menos aperfeiçoa-
struturação de uma base
l o poder político assen-
s económica que deter-
der político.

nosso País vai lançar-se
lantação dos órgãos do
está correcto.

da a parte se respeite a
gências aos candidatos a
smos. Uma delas, é que
uturos órgãos do poder
e camponeses, em gran-

burocratas, os semi-em-
is verbosos, que vão no-
as comissões populares.
regra seja praticada, e
mpostas principalmente
es trabalhadoras..
ctivo imediato.

Mas a formação de comissões populares, exige uma base económica sólida para se poder falar realmente do Poder Popular. E é por isso que a grande e principal tarefa deste momento é a reestruturação económica do País. Não há um verdadeiro poder popular se o País vive de ofertas dos países amigos, ou se vive de importações mesmo dos géneros alimentícios que a nossa terra produz.

Temos pois de considerar a fase de emergência económica em que estamos actualmente, como fase a limitar no prazo o mais curto possível.

Temos de reorganizar todo o modo de produção, de maneira a garantir às massas trabalhadoras a base económica que lhe confirá tranquilamente e também o real poder.

É preciso por isso trabalhar. Que cada operário, cada camponês, trabalhe. Cada homem, cada mulher considere o trabalho como uma necessidade vital, tal como a respiração ou a alimentação.

O Governo da nossa República Popular de Angola já indicou, embora ainda não completamente, como se deve reestruturar o sistema de produção. No campo e para a produção agrícola e pecuária, é preciso começar imediatamente a organização das cooperativas de produção e as empresas estatais. Esta tarefa exige a mobilização dos camponeses e dos assalariados agrícolas, a sua mentalização para o trabalho cooperativo.

Aproveitem-se para já as fazendas ou roças abandonadas pelos colonos que agora são propriedades do Povo Angolano para aí instalarem as cooperativas agrícolas de produção, de modo que a comparticipação do trabalhador no rendimento, possa estimulá-lo a melhorar o trabalho e a aumentar a produção. As fazendas e roças passam a ser propriedade dos trabalhadores que delas cuidem.

E os compatriotas sem trabalho nas cidades, devem ir participar desta tarefa, para garantir

nova gestão conveniente. Alguns camaradas pensam ainda que a burocracia é o meio de assegurar o maior benefício aos trabalhadores. No entanto a burocracia, o funcionalismo é uma actividade improdutiva, ainda que necessária e a sua importância só pode derivar da importância da produção. A burocracia depende do sistema de produção e não o contrário.

Deixemos pois de visar os escritórios e as repartições públicas, para nos aplicarmos nos sectores da produção.

Referi-me a um tipo de unidade de produção agrícola, a cooperativa, devo referir-me aos outros dois tipos:

Um deles é a propriedade privada pessoal ou familiar que continuará a existir no País. Este tipo de propriedade será necessariamente pequena e será na prática para a subsistência do indivíduo e do agregado que a trabalhar.

Outro tipo é a empresa estatal que é a propriedade agrícola de grandes dimensões, exigindo meios técnicos por agora fora do alcance dos agricultores. Vamos dinamizar também o trabalho nestas empresas.

O que disse sobre a agricultura, poderá repetir-se para a pecuária.

No que respeita a produção industrial linhas similares de orientação estão a ser adoptadas.

Para esta arrancada económica no País, é preciso que o Estado garanta um mínimo de créditos e dinamize por seu lado a produção nas grandes empresas.

Esta modificação, a passagem da propriedade privada com os seus hábitos de assalariamento, para a propriedade colectiva dos trabalhadores — dos bens de produção, exigirá como consequência uma transformação das estruturas burocráticas. Os serviços que foram utilizados durante a época colonial para o controlo da economia, têm de ser substituídos ou adaptados à nova fase. A mentalidade dos funcionários e daqueles que auxiliam os órgãos governamentais a orientar esta actividade, tem de ser transformada. Em alguns casos, haverá que substituir funcionários.

Eis pois as duas tarefas primordiais para a nova fase da nossa vida nacional: a organização das comissões populares que estejam realmente nas mãos dos trabalhadores e a reestruturação e dinamização da produção agrícola e industrial e serviços afins. Todo o processo de reestru-

(Cont. na pág. 10)

é que, de fora, sustenta esses grupelhos que pululam por Luanda.

Esta constatação e, de resto, esta observação é extremamente judiciosa e porquê? Aquele jornal é incapaz de dizer o crime que os Cubanos fizeram ao Povo de Angola. Aquele jornal é incapaz de dizer que os camaradas cubanos morreram connosco e são eles, juntamente com as FAPLA, que suportaram a maior guerra de blindados vivida no Mundo depois da II Guerra Mundial. Aquele jornal é incapaz de compreender, justamente porque representa uma frustração económica que nunca mais volta, que foi necessário o esforço e a decisão esclarecida, com todas as implicações mundiais decorrentes do facto, um esforço de Países como é a União Soviética, de facto, como é Cuba, que evitou decididamente que Holden Roberto, acompanhado não só teoricamente mas no terreno com outros indivíduos chamados socialistas, que evitou que a África do Sul que trazia blindados não palavras, não trazia jornais — foi justamente esta decisão que possibilitou que aquele jornal fosse até distribuído por Angola, de resto não estaria distribuído dentro de Angola.

Há qualquer coisa que não se pode ainda compreender. Se aquele jornal representa um anti-comunismo viscerado, se aquele jornal representa uma agressão ao Povo de Angola, se aquele jornal é uma ameaça permanente à Independência Nacional, se aquele jornal é um perigo permanente ao Povo de Angola, às massas trabalhadoras, como é que hoje se repete, como é que eles conseguem publicar isso permanentemente? Quem é que permite que isso seja feito em Angola? Há qualquer coisa que tem que ser esclarecida. Por detrás desta OCA, há mãos criminosas, de certeza absoluta; há mãos estranhas e têm que ser detectadas e punidas com a severidade possível.

Para concluir e acabar com esta primeira parte nós devemos pura e simplesmente dizer que estamos em presença duma estratégia diferente, de novo tipo. É uma estratégia que passa as fronteiras de Angola. Nós estamos perante, com esta OCA e coisa do género, perante uma agressão de novo tipo, mais subtil, e nós vamos esclarecê-la no fim também desta exposição.

O QUE É O ESQUERDISMO?

...Ouvi dizer por aí que a minha última intervenção de sábado passado, foi classificada de esquerdista e sectarista. O que é o Sectarismo político? Nós vamos explicar. O que é o Esquerdismo? É importante que o Povo de Angola fique já claro para não se confundir tudo e por nada como sendo sectarismo e esquerdismo. Sectarismo, Dogmatismo e Esquerdismo são três palavras que, no essencial, dizem justamente a mesma coisa. Eu disse que o esquerdismo, como todas as doutrinas mansinhas, têm a sua base económica numa propriedade qualquer dos meios de produção — isto tem que ficar bem compreendido — e no caso das colónias a origem de todo o tipo de esquerdismo é qualquer coisa resultante do colonialismo em forma de produção. Porquê a acusação de esquerdista? Será esquerdista o camarada que viu, por exemplo, um agente reaccionário da PIDE que passou pelo Aeroporto com um documento, com um dito salvo-conduto em que se compromete determinada personalidade — não importa donde — e se denuncia este camarada não é em parte alguma esquerdista. Ora, é importante

repara-se e isto é importante para a compreensão dos fenómenos da OCA — que o esquerdismo qualquer dia isto é classe, toca-se com outra corrente política que também há-de ser denunciada. E a tal teoria de que os extremos algum dia tocam-se, se um de um lado é a extrema-esquerda, essa extrema-esquerda, sectária, dogmática, qualquer dia realiza o casamento com outra corrente não menos gravíssima e reaccionária.

O Esquerdismo assim compreendido, tem que ser ainda explicado do ponto de vista político, do ponto de vista filosófico se se queira. A atitude dogmática de um político que se expressa desde a altura em que ele por incapacidade seja de qual ordem for, fica cego de inteligência, é incapaz de ver a modificação da história e então o dogmático fica preso às teses ultrapassadas ou às teses que serviram e positivamente a outras realidades, a outras transformações históricas de qualquer parte do Mundo e o dogmático procura transportá-las sem aplicá-las criadoramente, esta é atitude dogmática. É, por exemplo, uma atitude dogmática, se alguém faz uma afirmação e outro diz: — Aquela afirmação não é verdadeira, porque não foi dita, por exemplo, por um dirigente do País tal. É a teoria de citações, mas o político não necessita de citações. Ele quer as citações para aprender, para estudar, mas quando ele absorve criadoramente a política, as citações podem ser objectivamente e seguramente abandonadas. Portanto, não se pode dizer que alguém que emite um determinado parecer político não está certo, é sectário, só porque o que ele disse não está de acordo com os manuais que aparecem na Lello ou em qualquer livraria do Mundo, por exemplo. É interessante reparar que essa acusação de dogmático, de esquerdista, de quem é que ela se origina. Em termos de classe, em termos de correntes políticas, tem que se dizer que as acusações que se fazem muitas vezes gratuitamente de que alguém é esquerdista, é dogmático, elas procedem de uma camada social que, em Angola, espiritualmente está ligada aos antigos colonos...

NÃO SE PODE CONSTRUIR UM ESTADO REVOLUCIONÁRIO COM OS REACCIONÁRIOS

...Agora vamos entrar no tema, talvez mais importante, porque este tema é que vai trazer a conclusão. É a questão sobre a violência. É a questão sobre a violência revolucionária num país que acaba de sair de uma guerra armada como a nossa. Há um conjunto de ideias diferentes e é razoável que assim aconteça. Alguns de nós, angolanos, podem, por exemplo, nesta fase, defender a seguinte política: «Não senhor, em Angola não há burgueses e, por consequência, os angolanos e o Estado de Angola não têm razão de se abater com fúria sobre os reaccionários». Nós negamos em absoluto. Diz um teórico revolucionário: «Sejam quais forem as formas de transição de um País, de uma realidade económica para outra, ou seja, um País que queira avançar para o Socialismo, ele tem que atravessar uma fase que é a fase de transição». Negá-la é, de facto, ser-se o tal dogmático. Mas, seja qual for a forma desta transição, desta passagem para um novo regime de produção tipo socialista há uma realidade que é incontestável. É que *tem que haver uma violência revolucionária das massas sobre os seus antigos castigadores*. Esta é uma das questões de vida ou de morte da revolução. Se um governo que sai das ruínas como em Angola, um governo ainda perfei-

tamente jovem, sem aquele calo do tacto diário com o imperialismo, um governo que mal sabe ainda fazer a percepção do que vai pelo Mundo em forma de estratégia de agressão, bem disse que, se toda a chusma de reaccionários permaneça — esse governo não dura dois anos, desaparece. Isto é uma lei objectiva, não é novidade, é que não são os novos a dizê-lo, não estamos a inventar absolutamente nada. Isto é o que é na universalidade da prática dos reaccionários. Não se pode construir um Estado democrático ou revolucionário — mesmo a tal democracia do tipo liberal-burguesa, etc. reformista, e assim por diante — é que é impossível nesta construção misturando-se, vivendo na mesma casa, como em Angola, reaccionários e homens da FUA, da PIDE e do Imperialismo Internacional.

É NO TERRENO DA ECONOMIA QUE RESIDE A FORTALEZA...

...Não é por acaso, não é gratuitamente como revolucionário que um grande teórico dizia assim: — Que uma revolução só vale enquanto ela pode saber defender-se; uma revolução só vale quando, de facto, a capacidade das massas populares é extremamente grande; só quando as massas populares perfeitamente organizadas, consolidadas são capazes de dar o justo castigo à reacção, só nestes termos, é que uma revolução vale a pena. Se isto não acontece, não é nada revolução. O que se faz é qualquer coisa que tem que agradar à antiga potência colonizadora. Tudo isto serve para dizer o seguinte: — finalmente, com a libertação de um país, no nosso caso quando o colono sai não está o problema resolvido. Está apenas uma situação: está ganha a chamada batalha política, não consolidada, apesar de tudo, mas fica a batalha económica, porque tem que ser no terreno económico onde o povo tem que pôr os pés no seu poder; é no terreno da economia perfeitamente realizada no interesse das massas que reside a fortaleza, o bastião inexpugnável dum povo que se quer libertar. Ora, em Angola, disse o Camarada Presidente no Uíge — onde estivemos lá anteontem — que depois há colonos em Portugal que continuam a mandar cartas por províncias, a pedir que regressem, justamente para continuarem a exploração das próprias fazendas. E mais. Vão bastante longe. A ousadia daqueles colonos é grande. A sua audácia é extraordinária, porque eles chegam pelo correio enviar procurações. Temos dias em que os gabinetes ficam cheios de procurações: «Eu estou na Figueira da Foz, eu estou no Alentejo, preciso que o Alberto que ficou em Luanda, seja o meu procurador da casa que está, por exemplo, em qualquer parte de Luanda». E isto porquê? Se um dia isto puder passar, então é o fim desta revolução, se um Estado aceita procurações, mas procurações de quem, sobre quem? Se nós, se o Estado de Angola...

Qual o direito Constitucional? O Povo de Angola arrancou o seu novo direito...

«É IMPORTANTE QUE SE ESMAGUE A REACÇÃO»

...Agora vamos ver se, com essa explicação, nós conseguimos ver, claramente, como é que está feita a reacção em Angola. Já é fácil. OCA, aí postos, extrema esquerda; qualquer coisa que, nos meses passados, também era qualquer coisa como extrema esquerda.

Y + tal. Revolta Activa que continua a sabotar a revolução.

Este conjunto de indivíduos, de realidades, formam o chamado oportunismo de esquerda que tem muito de oportunismo de direita. Portanto, de um lado, a extrema esquerda, e quem é doutro lado? Doutro lado, um ponto de vista, por exemplo, reformista, que nega a violência das massas em Angola sobre a reacção interna. Então estes extremos, que é a mesma coisa, dum lado, a extrema esquerda, doutro lado o reformismo, casam-se e, não há dúvidas deve começar a ser este conjunto o inimigo principal em Angola.

É importante dizer que, nessa definição de inimigo principal é o Imperialismo, o inimigo directo, correcto; mas nós definimos o inimigo directo em função dos seus agentes internos: UPA/FNLA, etc. No lugar desta UPA/FNLA estão novos agentes internos. Podê-se dizer extrema esquerda, esquerdismo + reformismo, portanto, e com todos os seus ramos exteriores. Este é o grande inimigo do Povo de Angola. São os sabotadores, são esses que se opõem a arrancadas mais avançadas. Portanto, não me parece correcto que se defina a pequena-burguesia em Angola como o inimigo principal. É preciso, sim, paralisar a instabilidade pequena-burguesa — paralisar — porque eles são instáveis de facto. O pequeno-burguês vai onde a correlação de forças é boa. Se tudo hoje está ao lado do Povo — sim senhora — é homem do povo, se está, se amanhã as coisas viram, se a situação vira (...) Esta a atitude pequeno-burguesa. Portanto, há vacilação. O que é importante, é imediatamente paralisar a instabilidade pequena-burguesa, mas não derrubá-la já. É preciso derrubar, destroçar o inimigo principal que começa a ser ali, a aliança extrema-esquerda, sectários, os homens que poderão ser os da direita. Estes é que devem ser destruídos nesta fase. É importante que se esmague a reacção. Não é — se há campos de recuperação correcto — se alguns puderem ser recuperados pela persuasão, está certo; mas os intransigentes, os mais caturras, os mais obstinados, estes devem ser destruídos...

...Todos os indivíduos, marcadamente reaccionários, aqueles, aqueles que individualmente forem conhecidos como «OCA», seja o mentor, seja o escritor, seja o distribuidor, aquele que foi até agora apaixonado fiel da Revolta Activa, seja o mentor, o activista da Revolta Activa ou coisa que valha, quem for apanhado nessa atitude, ele terá que ser imediatamente preso. E agora que se façam as acusações que forem feitas e, então, que nos chamem mesmo esquerdistas, que o nome será bom se for este. Então que digam tudo, mas nós estamos convencidos que, com este cerco todo do Imperialismo, a cercar toda a Angola de Norte a Sul, com este movimento de reaccionários vindo de toda a parte do Mundo sem controlo no aeroporto, com a existência de todos os reaccionários dentro do País, não. Para que saíamos vitoriosos, é importante ter outras experiências. E, no Mundo, houve alguém que foi acusado depois de morto, não faz mal...

UMA QUESTÃO DE VIDA OU DE MORTE

...A questão do exército é uma questão de vida ou de morte. Isto porque o exército é o conjunto de homens que, num país, detêm, de facto, permanentemente, sob o cano de uma arma, a vida de todo um conjunto de nacionalistas, um conjunto de traba-

(Cont. na pág. 11)

(Concl. da pág. 7)

turação económica não pode deixar de se fazer acompanhar da formação intensiva de quadros a todos os níveis.

Portanto, ao lado de cada técnico estrangeiro no País, esteja sempre um angolano pelo menos a adquirir o treino preciso para garantir no futuro a nossa independência.

Aproveitemos as facilidades internacionais que nos são oferecidas, para formar uma grande quantidade de quadros.

Não deixemos de alfabetizar adultos e crianças com o mesmo espírito dinâmico de antes de 11 de Novembro.

Definidos como estão os objectivos, temos de encarar as dificuldades a vencer.

A nossa Independência e sobretudo a nossa opção socialista, não pode agradar ao imperialismo. Ele vai procurar por todos os meios (e está a fazê-lo neste momento) vai procurar paralisar o processo que seguimos. O imperialismo é portanto ainda o inimigo principal para o nosso desenvolvimento como País independente e progressista.

Todo o nosso povo deve estar vigilante, muito especialmente os militantes do MPLA, para que não haja espaço no nosso País para uma penetração do imperialismo.

O inimigo secundário é a reacção interna, muitas vezes camuflada no aparelho do Estado ou do partido, outras vezes apresentando-se com ideias esquerdistas, para lançar as massas na confusão e lançar-nos uns contra os outros.

Estou particularmente grato a todos os patriotas que têm contribuído para que o Governo conheça actividades dos reaccionários no nosso País.

É a reacção interna e são os esquerdistas os que podem servir de veículos à penetração do imperialismo e da ideologia capitalista. Devemos portanto, inflexivelmente, mas sem que as emoções nos levem ao erro do subjectivismo, neutralizar qualquer actividade detectada contra a linha de orientação que traçamos no programa do nosso Movimento.

Apenas me vou repetir ao dizer que para a realização dos nossos objectivos, deve-se manter a unidade nacional.

Não confundamos o combate contra os reaccionários e os esquerdistas com o combate contra uma classe ou contra uma raça. Muito menos com sentimentos de vingança pessoal.

Os militantes da organização devem ser activos na preservação da unidade nacional. É importante que o povo de toda Angola tenha uma noção clara e uniforme do que é a Nação Angolana. Que o habitante do Moxico ou da Huíla, do Bié ou de Cabinda, saiba sentir-se angolano sem que barreiras tribais ou regionais perturbem essa compreensão. É importante que um preto, um branco ou um mestiço, qualquer deles fora integrar-se na nova sociedade que estamos a criar, sem dificuldades extraordinárias.

A luta contra a reacção, ou melhor, a vigilância contra a reacção interna, faz alguns camaradas pensar que chegou o momento de provocar uma confrontação com a pequena burguesia.

A ideia de unidade da nação, exige que todos os patriotas, seja qual for a sua origem de classe, sejam incluídos

nas tarefas de reconstrução nacional.

É pela transformação do modo de produção, pela colectivização do trabalho e pela aplicação ao trabalho que as comissões populares terão o real poder, terão o controlo do Estado.

Começemos imediatamente a lançar-nos ao trabalho.

Mudar um governo por outro sem que se preencham as condições básicas da existência não modifica absolutamente nada. Colocar todos os bons revolucionários no aparelho do Estado, não modifica nada, sem que a base económica garanta o exercício de um poder popular.

Compatriotas,
Camaradas:

O mês de Abril será para nós rico de acontecimentos. Preparemos também cuidadosamente a actividade do nosso Movimento e apoiemos decisivamente todo o esforço de reestruturação económica.

**PELA UNIDADE NACIONAL
PELO PODER POPULAR
A LUTA CONTINUA
A VITÓRIA É CERTA.**

(Concl. pág. 1)

A JMPLA está representada no Governo através da Direcção-Geral da Juventude e Desportos cujo Director é membro do Comité Central e do Executivo daquela Organização. A orientação política da Direcção-Geral da Juventude e Desportos compete à JMPLA.

Na luta pela Independência Imediata e Completa, contra a exploração do homem pelo homem, o Povo Angolano viu cair a 14 de Abril um dos seus melhores filhos, um jovem combatente do MPLA: o camarada Comandante HOJI YA HENDA. Em sua homenagem o Povo de Angola consagrou o 14 de Abril dia da Juventude Angolana.

De facto, não poderia existir dia mais significativo para a Juventude Angolana, uma Juventude que combateu com determinação o Colonialismo português e combaterá também o Imperialismo para a construção de uma Angola livre.

HOJI YA HENDA, «filho bem amado do Povo Angolano e combatente heróico do MPLA», era um revolucionário inteiramente dedicado à Libertação do seu Povo e de todos os povos oprimidos do Mundo.

Pela sua coragem, pela sua disciplina, pelo seu espírito de sacrificio, pelo seu comportamento exemplar, pelas suas ideias sobre o progresso do seu Povo, HOJI YA HENDA é um exemplo que deve ser seguido por todos os jovens trabalhadores, estudantes e intelectuais de hoje.

Os jovens angolanos saberão seguir o exemplo do camarada HOJI mantendo-se à cabeça da Revolução, combatendo nas primeiras filas de luta, defendendo e propagando as ideias progressistas, combatendo as ideias erradas, dando um combate de morte ao Imperialismo e a todos aqueles que querem impedir o nosso Povo de alcançar o Poder.

Muitos outros jovens cairam durante a nossa luta de Libertação. Os nomes deles não os conhecemos. Contudo, sabemos que foram eles que, com os seus sacrificios e o seu sangue, criaram as condições materiais que nos permitem comemorar em todo o País o 14 de Abril.

Rendermos-lhes homenagem afirmando a nossa determinação de levar a Revolução até ao fim. Encorajados pelo seu exemplo, continuaremos a luta até à Libertação completa da Pátria, até à conquista do Poder pelo Povo.



lhadores. É importante que, em Angola, a tão proclamada aliança FAPLA-Povo-Povo-FAPLA se efective, na verdade. E como é que ela tem de se efectivar? O trabalho político, no exército, tem de ser feito. Não só dito por palavras. Não só exprimir a intenção. Mas permitir que no exército, nas FAPLA, os comissários de coluna, comissários de brigada, ou de qualquer unidade, realize um trabalho em profundidade. É importante que, no exército, no nosso exército, estejam «comités» de acção do MPLA. O exército não pode fugir, por consequência, a todo um conjunto de medidas políticas partidárias. O exército não pode fugir das massas. É a única forma de garantir esta coesão, permanente, é fazer com que os comissários políticos, realizem, no seio das forças armadas o trabalho político. E como é que é realizado? Nos países já comunistas, e mesmo nos países socialistas, e naqueles países onde há uma intenção séria de se arrancar

(Conclusão da pág. 12)

URSS e os EU no mesmo plano significa eliminar a diferença radical que existe entre o socialismo e o imperialismo, entre a sociedade do trabalho livre e a sociedade da exploração. A propósito, citamos Fidel de Castro: Como se pode chamar potência imperialista à União Soviética? Onde estão os seus monopólios? Onde está a sua participação nas companhias multinacionais? Que indústrias, minas, empresas de extração de petróleo, possui ela nos países em desenvolvimento? Que trabalhador é explorado pelo capital soviético neste ou naquele país da Ásia, África e América Latina?»

«Sem a Revolução de Outubro e sem o imortal acto de coragem do povo soviético que soube, primeiro, vencer a intervenção e o bloqueio imperialista e resistir, depois, à agressão fascista, esmagando-a à custa de 20 milhões de vidas, que desenvolveu a sua técnica e economia graças a um esforço heróico e tudo isto sem explorar um único operário em qualquer país do mundo, o fim do colonialismo e a correlação mundial de forças que permitiu a luta de tantos povos pela sua libertação nunca teriam sido possíveis!»

(...)

Qualquer tentativa de opor os países não-alinhados ao mundo socialista é profundamente contra-revolucionária e vai exclusivamente favorecer os interesses imperialistas; inventar um falso inimigo não pode ter senão um único objectivo: desviar as atenções do verdadeiro inimigo».

Estas são verdades incontestáveis e que servem para alertar o Povo Angolano para a verdadeira origem de toda essa agitação feita por esses falsos revolucionários que demagogicamente, tentam confundir o nosso Povo ao fazerem um combate cerrado aos países socialistas que sempre nos ajudaram, em vez de combaterem o imperialismo que é de facto o nosso inimigo.

É claro que todas estas organizações (OCA, Revolta Activa, CACs etc.) não combatem o imperialismo, pois todas elas são por ele criadas e manipuladas.

Angola caminha para o socialismo, pois só este libertará de facto o Povo Angolano e a revolução socialista, como a história o confirmou, é sempre popular. Ela é realizada pelas amplas massas trabalhadoras, sob a direcção da sua vanguarda revolucionária e todos aqueles que pretenderem opor-se à vontade das massas populares estão de antemão condenados ao fracasso, porque a «Vitória é Certa».

para o socialismo, como é o nosso caso, há um conjunto, há uma categoria de oficiais, que não pode ser, de facto, nomeada...

«NÃO SE PODE CORRER UM ACTIVISTA...»

Se nós afirmámos que vamos caminhar para o socialismo, se nós dizemos que o MPLA tem que se transformar num partido — o partido tem que se transformar com homens formados, mas formados com uma ideologia revolucionária, ideologia proletária.

Se isto é um princípio, não se pode nada dar autorização de quem quer que seja o homem de estar a correr bons activistas para pôr lá serviços.

Não se pode perseguir um homem, não se pode correr um activista só porque ele costuma ler o Marx, Lênine, Engels. Isso é errado. Ou ele lê e segue bem, ou segue mal e vamos discutir com ele. Se é da extrema-esquerda bem... o problema é diferente, é porque ele é aliado do outro extremo. Mas um revolucionário que lê Marx, Engels, etc., que quer saber teoria, ele é um activista, não pode ser corrido só porque dizem que ele lê o marxismo-leninismo. Se se correm esses homens com quem se quer fazer uma luta? (...)

A ALIANÇA DA EXTREMA-ESQUERDA COM O REFORMISMO É UM INIMIGO SÉRIO

Esta é uma situação que não se pode permitir, porque fica na mesma garantida — e a Lei do Poder Popular também diz que se algum camarada é manobrado por alguns, lá porque é dirigente de um departamento do MPLA e fez um jeito aos amigos, estes amigos, passados uns dias estão destituídos.

Vamos todos pensando seriamente nisso, pensando que neste momento a aliança da extrema-esquerda com um ponto de vista reformista é de facto um inimigo sério pensando seriamente em toda a esta situação de manobras e acreditando que essas medidas vão ser cumpridas, nós vamos trabalhar, convencidos de que pela frente encontraremos dificuldades, encontraremos resistências — mas elas terão que ser necessariamente resolvidas. E a única forma de elas serem resolvidas, é cada angolano procurar trabalhar. Repetimos sempre: a única força vive do trabalho. Quem não trabalha não pode fazer política porque fica a ser um reaccionário. A única forma é produzir para resistir, porque quando não se produz não se pode fazer política, faz-se demagogia.

Vamos para esse trabalho, caros camaradas, convencidos da dureza da batalha. Mas a certeza de vencê-la, com todas as incompreensões, entretanto sabendo sempre acautelar estas situações. Nunca precipitar, nunca de facto, queimar etapas por situações objectivas. É evidente que tudo isto tem de ser fruto de solução de contradições permanentes, contradições que só podem ser reguladas com a dinâmica do próprio processo revolucionário. E nós vamos cientes de que, sejam quais forem as dificuldades, sejam quais forem as ameaças, os diques e as barricadas que puderem abrir, as novas batalhas que puderem ser abertas, o nosso sangue que possa ser evidentemente derramado em prol das massas, nós vamos, porque a luta de facto continua e as massas nunca mais poderão ser detidas por qualquer situação reaccionária e a vitória é certa».

O POVO VENCERÁ



A luta entre o capitalismo e o socialismo constitui a principal contradição dos nossos dias.

Em todo o mundo se verifica este facto, pois os povos dos diferentes países, que ainda vivem sob regimes capitalistas, sabem que a exploração da sua força de trabalho só terá fim quando os trabalhadores tomarem o poder, quando forem as classes mais exploradas a governar. Os povos de todo o mundo sabem que só têm um caminho a seguir, o combate contra o capitalismo. Este combate, porém, não adquire em todas as partes do mundo a mesma forma, pois está dependente das condições objectivas de cada país e, como tal, esta luta contra o capitalismo e o imperialismo terá em cada país características específicas, pois que o imperialismo emprega também métodos diversos para tentar travar a luta dos povos nos diversos países.

Em Angola, a nossa experiência ensina-nos que o imperialismo não desarma facilmente e que, a cada vitória do nosso povo, tentará sempre novos métodos para impedir que a nossa revolução triunfe.

Após o Povo Angolano ter pegado em armas no dia 4 de Fevereiro de 1961 para combater o colonialismo português, o imperialismo, ciente da força do Povo Angolano, tentou logo criar uma outra força que

pudesse opor-se ao Povo Angolano e à sua vanguarda revolucionária, o MPLA. Foi assim que o imperialismo criou a sinistra UPA para tentar deturpar a verdadeira luta do Povo Angolano.

Como se sabe, a UPA nunca combateu o exército colonial português, pois que ela foi criada com o intuito de combater o MPLA e, como tal, tentar impedir ou pelo menos, retardar a nossa independência. Tal não foi possível, dado que as vitórias do povo angolano se seguiam e a vitória sobre o colonialismo português era certa. Assim, o imperialismo criou uma nova organização fantoche para combater o MPLA e, deste modo surgiu a UNITA outra organização fantoche manobrada pelos Estados Unidos.

Porém, em cada dia que passava o MPLA tinha mais força e em cada dia engrossavam as fileiras dos combatentes das FAPLA que desferiam golpes de morte aos colonialistas portugueses.

O imperialismo, verificando então que não seria possível combater o MPLA no terreno, visto que tínhamos o apoio das massas populares, tentou criar falsas contradições no próprio seio do MPLA para, deste modo, tentar destruir a nossa organização por dentro. Foi assim que surgiram as Revoltas Activa e do Leste que, no preciso momento em que a nossa vanguarda precisava de estar mais forte e unida, tentaram desferir um golpe de morte sobre ela. Também aqui o imperialismo saiu derrotado, pois que o povo angolano soube a cada momento vencer todas estas manobras.

Após as humilhantes derrotas que os gloriosos combatentes das FAPLA infligiram aos lacaios da UPA/FNLA e da UNITA, aos mercenários e ao exército sul-africano, o imperialismo tenta de novo destruir-nos por dentro e é assim que surgem pretensos revolucionários que, numa linguagem demagógica tentam convencer o povo de Angola que o MPLA não é de facto a sua vanguarda revolucionária.

Era de prever que o imperialismo, vencido militarmente, tentasse utilizar novos métodos para combater o MPLA e o Povo Angolano. Assim, começaram a surgir jornais clandestinos e panfletos numa linguagem perfeitamente demagógica, pretendendo confundir o Povo Angolano e, numa outra fase, levá-lo a revoltar-se contra a sua verdadeira e única vanguarda revolucionária, o MPLA. Para tal os falsos profetas, que agora surgem, tentam especular sobre o apoio que o MPLA recebe dos países socialistas, que aliás sempre nos ajudaram durante toda a nossa luta de libertação.

Estes reaccionários que agora por aí surgiram pretendem reduzir as contradições sociais do mundo a uma competição de cariz meramente «nacional» entre dois dos maiores países do mundo: os EUA e a URSS, pretendendo, deste modo, destruir a essência capitalista dos Estados Unidos e o carácter socialista da União Soviética; já não haveria luta de classes entre o mundo do trabalho e o mundo do capital, mas apenas luta entre os mais fortes pela conservação e a redistribuição das esferas de influência.

Porém, todo aquele que conheça, um pouco que seja, a América e a União Soviética sabe que colocar a

(Cont. na pág. 11)